

O Vaga-Lume

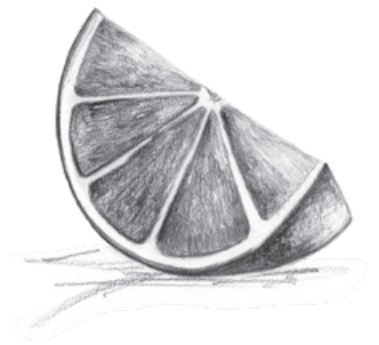
Literatura do GRAAL

conviver

Conviver é uma palavra carregada de desafios e de belezas. No contato com o outro descobrimos espelhos e contrastes, colhemos inspiração, delimitamos fronteiras e conquistamos respeito, experimentamos doar e receber. É também na convivência que, muitas vezes, nos percebemos indivíduos. Laranjas inteiras na árvore da vida.

**“O que uma pessoa dá a outra?
Dá de si mesma, o bem mais precioso que tem (...)”**

Erich Fromm



página 3

Viver com a natureza

Mesmo quando não posso estar embaixo de uma, gosto de ver árvores pela janela. Elas me contam histórias de pássaros, de estações do ano, de poeira e chuva, de botões e frutos.

Em cada pedaço de natureza há histórias e silêncios. Os brotos na varanda contam sobre a força e a potência, as flores no vaso contam sobre o esplendor e a brevidade. Assim, a natureza vai, inocentemente, fazendo metáforas sobre verdades que também são nossas. Ao convidar para a contemplação e o silêncio, facilita o encontro de cada um consigo mesmo.

**“A natureza nos
ensina tudo, doando-nos
tudo de que necessitamos!”**

Roselis von Sass, *Sabá, O País das Mil Fragrâncias*

Richard Louv, estudioso sobre a importância da conexão entre pessoas e natureza, diz que o contato com a natureza não rouba tempo, mas o amplia: “A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. Dada a oportunidade, a criança leva a confusão do mundo para a natureza, lava tudo no riacho e vira do avesso para ver o que há do outro lado”.

Penso que para os adultos a natureza oferece a mesma chance: *Lavar tudo no riacho e... se consolar de belezas.*

Leia também

Nina e a música do mar - Sereias

página 2

Abrigo do sonhador

página 4

Lembranças das águas

Nem tudo o que existe a gente vê e nem por isso as coisas deixam de existir!



Ilustrações Tátia Tainá

Era uma vez... Ao escutar a expressão somos levados para um passeio pelas paisagens da memória.

Não a memória que habita a mente. Mas uma memória mais profunda, memória gravada na pele, no coração... Era uma vez pode suscitar “ternura saudosa para uns, felicidade melancólica, ou também silenciosos desejos irrealizáveis”, escreve Abdruschin.

Quais memórias gostaríamos de resgatar para o presente?

No livro *Nina e a música do mar – Sereias*, a menina pergunta: “Vovó, já experimentei água salgada e já vi um peixe, mas... onde estão as sereias?” O questionamento faz lembrar que, num tempo muito distante, os povos antigos tinham intimidade com a natureza, e as sereias não eram reminiscências de outras eras, mas elemento presente nas relações de gratidão e respeito que um povo construía com as suas águas.

A escritora Roselis von Sass conta em seus livros que as sereias, também chamadas de Ai-aras, Ondinas, Iaras, Mãe d’Água, entre outros nomes nas mais diversas culturas, são conhecidas por suas melodias encantadoras. Muitas vezes, suas músicas são dirigidas aos peixes, como expressão de estímulo e alegria ou ainda como advertência. O encantamento que a água e seus seres causavam nos

povos antigos fazia com que fosse celebrada regularmente a *festa da água*.

“Cada ano celebravam-se várias festas em honra dos entes da natureza. No dia da ‘festa da água’, ofereciam-se presentes às ai-aras. Esses presentes consistiam em um óleo de aroma forte – extraído de madeiras e de flores aromáticas – e em colares de grãos coloridos de sementes.

O óleo espalhado nas águas onde moravam ondinas permanecia flutuando durante algum tempo na superfície. Durante esse tempo, a fragrância penetrava a pesada matéria terrenal, espalhando-se sobre a água onde moravam as ondinas. As ondinas alegravam-se com o perfume, aspirando-o profundamente como uma saudação do reino da terra...”

Roselis von Sass,

Revelações Inéditas da História do Brasil

Os mares, rios e lagos têm música. A música das águas é também a música de seus inúmeros habitantes, visíveis e invisíveis. E se hoje fosse possível resgatar a intimidade com a riqueza da natureza, a gratidão pela abundância das águas e de seus habitantes, será que poderíamos voltar a escutar as diversas músicas das águas?

Era uma vez...

“No dia seguinte, Nina e Cabelinho acordaram bem cedo porque a primeira vez das coisas só acontece uma vez. Construíram obras de arte na areia. Sonharam com estrelas.”

Sibélia Zanon,

Nina e a música do mar - Sereias



LANÇAMENTO

Nina e a música do mar - Sereias

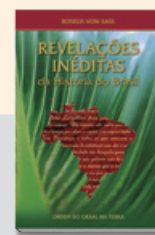
Sibélia Zanon

ilustrações Tátia Tainá

REVELAÇÕES INÉDITAS da História do Brasil

Roselis von Sass

Brochura • E-book



Conviver: exercício de ser

Pessoas são inspiradoras. A Ana tem um poder de análise muito apurado e consegue ser profunda e sincera ao emitir uma opinião. O Marcos é descontraído e não exige que tudo dê certo nem seja perfeito numa primeira tentativa. Sempre fico admirada com o jeito aberto e acolhedor que a Flávia demonstra diante de meros desconhecidos. A Carla desenvolveu uma habilidade especial de cultivar as coisas e enriquecer o ambiente, ela embeleza tudo que toca.

A convivência com pessoas nos dá a oportunidade de observar a diversidade. Assim, podemos admirar qualidades, avaliar questões da vida por ângulos inesperados e repensar nossas próprias escolhas. Afinal, sempre há outras formas de agir, qualidades a desenvolver, caminhos inusitados a trilhar.

Além de nos beneficiar com a percepção da diversidade, a convivência pode revelar semelhanças inesperadas, ou ainda indesejadas. Os defeitos que mais nos perturbam no outro, podem ser também aqueles que encontramos ao enfrentar o espelho. Isso porque enxergamos com maior destaque no outro aquilo que também somos. E aí é preciso coragem e humildade para assumir que há trabalho pela frente, que temos melhorias a fazer, que estamos em período de manutenção e reforma.

A verdade é que a convivência nos obriga a afiar nosso próprio discernimento a respeito de muitas questões, daquilo que nos é importante ou não, a respeito de nossas crenças mais profundas e de nossa forma de agir, porque de uma forma ou de outra somos desafiados a isso.

Uma amiga me contou certo dia sobre o martírio dos almoços em família aos domingos, e sobre como naquelas ocasiões sofria críticas veladas por conta de seu estilo de vida e de suas escolhas. As intromissões ou provocações, nem tão discretas assim, fizeram com que ela se tornasse mais confiante e mais forte para manter suas escolhas e fincar

algumas estacas de limites. Conviver em família não implica a perda do direito à individualidade.

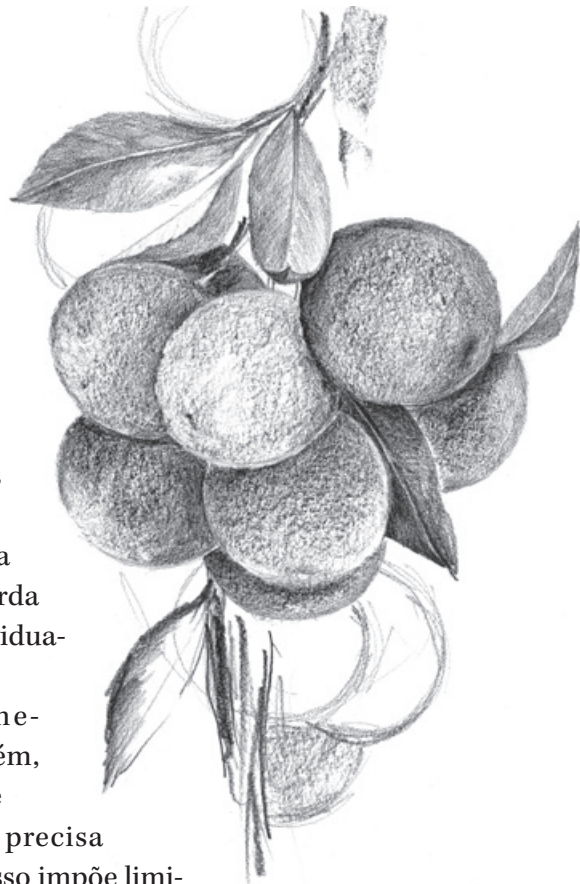
Mesmo conhecendo bem alguém, ele permanece sendo *o outro* e precisa ser visto assim. Isso impõe limites, tanto para nossa obsessão por controle, quanto para nossas tendências de projeção. Projetar nas atitudes do outro o nosso próprio perfil, imaginando que ele terá reações iguais às nossas é fazer um convite para a frustração. O outro é, definitivamente, uma surpresa. E é desejável aprender a se surpreender.

O poeta Manoel de Barros diz que não gosta de *palavra acostumada*. Talvez ninguém goste de convivência acostumada também, aquela que se repete por hábito e não por gosto. Há convivências obrigatórias por certos períodos da vida, como com os colegas de trabalho. Mas, na esfera pessoal, temos mais chance de escolha e, assim, maior oportunidade de convivermos com aquelas pessoas que nos inspiram a ser melhores.

Conviver é um exercício de ser. Podemos colher inspiração no outro, mas a colheita é limitada porque também é preciso doar. E enquanto nos ocupamos em oferecer algo, estamos trabalhando em ter mais consistência. Em vez de esperar que alguém nos torne inteiros, buscamos conquistar nossa própria completude. Na certeza de que não existem metades da mesma laranja, é que desfrutamos de forma mais ampla a convivência. Todos laranja inteira, com a potencialidade para ser fibra, suco e compartilhar doçura.

“Se a atuação do sentimento for dirigida pela intuição, haverá então em todos os pensamentos e atos apenas beleza, equilíbrio e enobrecimento. Jamais exigências, mas apenas uma sagrada vontade de dar: isso deve ser levado a sério em tudo, inclusive no amor e no matrimônio.”

Abdruschin
Na Luz da Verdade



Abrigo do sonhador

Mais do que moradia, a palavra casa me lembra as asas de uma ave. Ao mesmo tempo que as asas promovem a liberdade do voo, elas protegem e abrigam os filhotes. A casa abrange uma riqueza de funções, desde as mais concretas, como a proteção de todo tipo de intempérie, até as mais sutis, como o acolhimento da singularidade e profundidade de seus moradores. Para o filósofo Gaston Bachelard “a casa é uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”. Ela protege o sonhador, permitindo que ele se sinta em paz.

Antigamente, os sacerdotes ensinavam que uma alma só poderia ouvir a voz do seu espírito na quietude, no silêncio. As casas eram espaços propícios para essa escuta, espaços que nutriam e acalentavam as intuições e inspirações. E elas podiam se transformar ainda em espaços de festa. Entre os povos germanos, comemorava-se, na época do Natal, a festa das doze noites sagradas ou festa da chegada do amor.

“Os seres humanos desse tempo de outrora diziam que no transcórrer das doze noites sagradas desciam ‘fitas do céu’, cada ano de novo, unindo entre si todas as criaturas visíveis bem como as invisíveis...

“A casa voltava ao ventre do silêncio e dava vontade de nascer.”

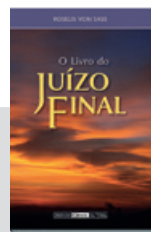
Mia Couto



Essa festividade era celebrada de modo todo especial. Durante todo o seu desenrolar, uma contínua e intensa chama tinha de permanecer acesa diuturnamente na lareira, e diariamente, ao anoitecer, acendia-se uma fogueira ao lado da entrada da casa, que deveria arder até o Sol nascer. Esse fogo tinha um duplo sentido. Primeiramente, deveria iluminar o caminho que conduzia para a casa e, paralelamente, seria o sinal visível do amor e calor que unia os moradores dessa casa; com o mesmo amor também seriam recebidos os hóspedes”, escreve

Roselis von Sass, em *O Livro do Juízo Final*.

Atualmente, cada casa pode ainda manter, mesmo que simbolicamente, uma chama acesa, chama de conexão com as boas inspirações. E, assim, fazer crescer as asas que combinem com a singularidade de seus moradores, propiciando espaço de interiorização e nutrição, provendo-os de força para cada nova jornada.



O LIVRO DO JUÍZO FINAL
Roselis von Sass
Brochura • E-book

AO LEITOR

A Ordem do Graal na Terra é uma entidade criada com a finalidade de difusão, estudo e prática dos princípios da Mensagem do Graal de Abdruschin “NA LUZ DA VERDADE”, e congrega as pessoas que se interessam pelo conteúdo das obras que edita. Não se trata, portanto, de uma simples editora de livros. Se o leitor desejar uma maior aproximação com as pessoas que já pertencem à Ordem do Graal na Terra, em vários pontos do Brasil, poderá nos contatar:

Por telefone:
(11) 4781-0006

Por carta:
ORDEM DO GRAAL NA TERRA
Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - São Paulo

Internet:
www.graal.org.br
graal@graal.org.br
literaturadograal.blogspot.com.br
www.facebook.com/OVagaLume

Sucursais:
Apucarana - ☎ (43) 3422-3331
Campinas - ☎ (19) 9 9288-8213
Cuiabá - ☎ (65) 3624-8199
Curitiba - ☎ (41) 3672-3500
Fortaleza - ☎ (85) 3267-9004
Franca - ☎ (16) 3701-0200
Gravataí - ☎ (51) 3431-6843
☎ (51) 9 9955-3548
Santo Ângelo - ☎ (55) 3312-6123

Os livros editados pela Ordem do Graal na Terra podem ser adquiridos em diversas livrarias e bancas, através da Internet ou do telemarketing. Também estão disponíveis para consulta em várias bibliotecas. Verifique na sua cidade.

O Vaga-Lume
Literatura do GRAAL

ORDEM DO GRAAL NA TERRA

Caixa Postal 128 - CEP 06803-971
Embu das Artes - SP
Fone e Fax: (11) 4781-0006
graal@graal.org.br

Edição simplificada da Revista O Mundo do Graal editada pela Ordem do Graal na Terra e registrada no Cartório do 2º Ofício de Notas e Anexos, da Comarca de Itapeverica da Serra, São Paulo.

Frases e trechos de livros citados nesta publicação, que não aqueles de livros editados pela Ordem do Graal na Terra, são apenas ilustrativos. A entidade é independente, não tendo relação

com outras filosofias e autores, nem com outras opiniões expressadas por eles.

Tiragem: 35.000
Certificação FSC®

2017 - setembro/outubro/novembro/dezembro

Redação/Jornalista Responsável:
Sibélia Schuler Zanon
MTb: 40.610

Ilustrações: Fátima Seehagen
Projeto Gráfico e Diagramação:
Indaia Emília Schuler Pelosini
MTb: 19.109